



Pesquisar

Os Meus Serviços

Agências
Estrangeiras (Uso Interno)

Arquivo Texto

Lusa Rádio

Serviço Agenda

Serviço Desporto

Serviço Economia

Serviço Global

Serviço Infografia

Serviço Internacional

Serviço Lusa Vídeo

Serviço Lusa Áudio

Serviço Lusofonia

Serviço Nacional

Pobreza/Lisboa: Quase sem rendimentos, idosos veem-se obrigados a alugar quartos sem condições



Número de Documento: 16184167

Lisboa, Portugal 26/05/2013 07:00 (LUSA)

Temas: Saúde, Política, Autoridades locais, habitação e urbanismo, Sociedade, Pobreza, Assistência social, problemas sociais

*** Por Susana Paula, da agência Lusa ***

Lisboa, 26 mai (Lusa) – Sem rendimentos para terem a sua própria casa, cada vez mais idosos e pessoas de meia idade em Lisboa são obrigados a alugar pequenos quartos sem condições e a partilhar o teto com desconhecidos, que muitas vezes os insultam, assaltam ou agridem.

Joaquim tem 54 anos, mas aparenta ter mais. Prefere não revelar o verdadeiro nome com medo de ser despejado. Ao peito traz uma cruz de madeira e as chaves de casa.

Aquilo a que chama casa é um pequeno quarto, localizado debaixo das escadas de um prédio da zona de Arroios. "Só cabe uma cama", descreve.

O quarto está paredes meias com um apartamento, onde Joaquim pode usar a casa de banho e a cozinha. Ali vivem a suposta senhoria e a filha, que cobram 200 euros todos os meses de renda do quarto.

"Ela queria 250 euros, eu disse que era muito caro e ela aceitou baixar", conta. Quem paga esta renda é a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, já que Joaquim está sem trabalhar desde 2007 e sobrevive com um Rendimento Social de Inserção de 65 euros.

Joaquim já viveu em casas com "muita gente". A última, uma vivenda na mesma zona da capital, tinha pelo menos 16 quartos – todos alugados.

"Era uma confusão. Eram bêbedos, drogados, casais que estavam sempre a discutir", descreve.

Durante o tempo que viveu nesta casa – num quarto um pouco maior e com janela – Joaquim foi assaltado e agredido.

"Eu estava a fazer as minhas necessidades e começaram a bater à porta. Quando saí, um casal, que dizia já estar atrasado, bateu-me, só porque sim", recorda.

Joaquim admite que "não sabe" como aguenta viver nestas condições. "Quem vive pior do que eu? Só mesmo um sem-abrigo", constata.

Se lhe saísse "a sorte grande", comprava uma casa. "Era a única coisa que queria". Isso e sossego.

Depois de ter pedido uma casa à Câmara de Loures e nunca ter tido resposta, Joaquim desistiu. Hoje considera que a "única solução" para a sua vida é arranjar emprego. "Mas dizem que sou velho", lamenta.

Também Maria só gostava de ter um local sossegado para viver. Com 58 anos, há 13 que partilha o teto com o senhorio, depois de um acidente a ter impedido de voltar a trabalhar.

Nos últimos tempos, e consoante a quantidade do que bebe, "muito vinho e bagaço", o senhorio proíbe-a de usar as divisões comuns da casa, mas nunca lhe fez mal.

"Diz-me que se eu chegar depois das 20:00 já não posso aquecer nem o jantar, nem água", descreve. Para poder aquecer as refeições, o Centro Social de Arroios sugeriu instalar um micro-ondas no quarto. O senhorio pediu mais 25 euros pelo uso da ficha.

A pagar 200 euros pelo quarto e com uma pensão de 215 euros, Maria decidiu continuar a aceitar os humores do senhorio. O que lamenta é que não possa receber as filhas – estudantes ou com empregos precários – em casa.

"Quando elas me vêm visitar ele não deixa que elas subam, então temos de ir beber uma bica. Só queria um local sossegado para poder receber as minhas filhas e estar como uma família", pede.

Por sua vez, Fernando, com 63 anos, partilha a casa com a senhoria, de 90 anos, e um outro idoso. Traz fato e gravata e recorda o que aprendeu nos seus tempos de bombeiro voluntário.

"Nunca tive problemas com a senhoria", ela só lhe mexeu nas coisas. "Ela já tem aquela teimosia da idade, mas eu sei como cuidar dela", conta. Com alguns biscoitos que faz, Fernando "vai-se arranjando" para pagar a renda de 200 euros do quarto onde vive, que "até é grande".

O maior problema, admite, é a falta de higiene que tem em casa porque, justifica, a senhoria "não quer" que se limpe. Aparecem pulgas. O centro mandou lá uma equipa para desinfestar mas voltaram a aparecer.

Fernando usa diariamente as instalações do Centro Social de Arroios para tomar banho e lavar a roupa, e tem acesso às refeições disponibilizadas pela instituição. Também Joaquim e Maria o fazem.

O diretor do centro, Pedro Cardoso, referiu à Lusa que um terço dos idosos que apoia vive nesta realidade de "subaluguer", com "condições de vida miseráveis" e critica as várias entidades que já abordou com ideias de soluções para este problema – da Santa Casa à Câmara de Lisboa – e que até agora não obteve soluções.

"É importante dar autonomia e dignidade de vida a estas pessoas", conclui.

EUROPHOTO

SYP // ZO

Lusa/fim.

